

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO
BRASILEIRA (UNILAB)**

NARCELIA FERREIRA FRAGOSO

**SINHÁ VITÓRIA E SUA RELAÇÃO COMA CAMA DE COURO E TIRAS NA
OBRA *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO RAMOS**

Redenção-Ceará

2017

Sinhá Vitória e sua relação com a cama de couro e tiras na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos

Narcelia Ferreira Fragoso*

Resumo: O estudo realizado na obra *Vidas Secas* tem por objetivo entender a relação da personagem Sinhá Vitória no romance de Graciliano Ramos com a cama de tira e couro, e de que forma esse sonho pode transformar a realidade da família. Baseados em leituras de textos teóricos e literários para um melhor embasamento aos estudos tivemos entre outros suportes os autores: Cassamassino (2010), Oliveira (2013), Ramos (2012), Scoville (2011).

Palavras Chaves: Sinhá Vitória; Cama de couro e tiras; Seca.

Introdução

A obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1938), foi uma leitura que me remeteu a estudar de forma sistematizada a personagem sinhá Vitória. Há tempos a temática da seca chama minha atenção, tanto pela dificuldade que famílias inteiras passam com a estiagem - fato esses identificados entre outros por obras literárias -, como dificuldades que possivelmente podemos passar num futuro próximo com a falta d'água. Isso sempre foi para mim uma grande preocupação e seria de uma profunda tristeza presenciar um cenário igual ao da família de Fabiano. Até os dias de hoje, o máximo que eu sofri foi com falta d'água por dias seguidos e a questão da estiagem que se torna um sofrimento para os agricultores. Ao ingressar na universidade, principalmente no curso de Letras, vi a possibilidade, através da literatura, de estudar e falar sobre esses meus anseios.

Assim, foi na obra de Graciliano Ramos que me identifiquei com a temática da seca através da dificuldade de uma família nordestina que passa fome e sede ao tentar fugir da seca, tendo por foco o papel da matriarca sinhá Vitória, sua humildade e perseverança, seu conhecimento capaz de ajudar ao marido nas contas com o patrão (mesmo sem reconhecimento por parte do mesmo), mas também o seu lado sonhador e ambicioso que consistia em possuir uma cama de couro e tiras. Esse sonho de possuir uma cama de couro e tiras tornou-se o foco do meu trabalho ao perceber nele o centro lírico dos pensamentos dessa

* Aluna do Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa (UNILAB-CE), sob orientação da Prof^ª Dr^ª Jo A-mi - lotada no Instituto de Humanidades e Letras. E-mail:narceliaferreira@hotmail.com

mulher nordestina - símbolo de ascensão social para sinhá Vitória. Com o objetivo de entender o sonho dessa personagem através da realização da compra da cama de couro e tiras, é que pretendo deter-me nas leituras teóricas, e, principalmente, no estudo da obra *Vidas Secas*.

1. O romance *Vidas Secas*

Graciliano Ramos foi considerado um dos maiores autores da literatura brasileira tendo *Vidas Secas* como uma de suas grandes obras, “a ficção de Graciliano Ramos destaca-se no cenário literário, sobretudo, pelo caráter de denúncia acerca das desigualdades nas relações sociais, principalmente no que se refere à exploração do trabalho humano pela sociedade capitalista” (COSTA; SACRAMENTO, 2012, p. 04). A obra *vidas secas* veio como um marco na literatura brasileira da década de 1930 mostrando o quão intenso a seca tornou-se enquanto *fenômeno climático*, social e literário.

A seca não deve ser vista somente como um problema climático de ausência, irregularidade ou má distribuição de chuvas, mas como um fenômeno que, ao incidir sobre uma região cuja organização social se formou e se mantém submetida a um processo histórico de concentração de bens e de renda e de relações de trabalho injustas, acentua de modo dramático as carências da população mais pobre do sertão (SCOVILLE, 2011, p. 12).

Graciliano Ramos, a partir da temática da seca, escreve essa obra dividindo-a em treze capítulos - que poderiam ser lidos aleatoriamente, sem que a ordem de leitura interfira na interpretação geral da obra -, exceto o primeiro capítulo (intitulado “Mudança”) e o último (intitulado “Fuga”): levando em conta a importância de cada um para a formação da história de cada membro da família de retirantes. Embora o foco desse trabalho seja o sonho da personagem sinhá Vitória em possuir uma cama de couro, vale salientar como a obra foi planejada, sendo seus capítulos escritos de forma diferente da maneira como publicado na obra, como reitera Cassamassino:

Numa carta a João Condé, Graciliano lhe explica a ordem em que foram realmente escritos, impulsionados, principalmente, pelas necessidades financeiras do autor, de forma que a ordem por data e concepção seria: baleia; sinhá vitória; cadeia; o menino mais novo, inverno; mudança; festa; contas; Fabiano; o mundo coberto de penas; o soldado amarelo e fuga (CASSAMASSINO, 2010, p. 23).

A ordem original dos capítulos é compreensível se levarmos em conta que as duas personagens, sinhá Vitória e a cachorra Baleia, são femininas e ambas têm seus sonhos,

“baleia sonha com um mundo de preás; Sinhá Vitória com uma cama de couro e tira uma vida digna” (CASSAMASSIMO, 2010, p. 23). Resumidamente, o romance conta a história de uma família constituída de quatro pessoas e dois animais, assim sendo: Fabiano (marido), sinhá Vitória (esposa), dois filhos e todos sempre acompanhados de baleia (cachorra) e o papagaio. A vida dessas pessoas, regida de maneira sub-humana, faz com que o marido Fabiano torne-se um homem de poucas palavras, de nenhum gesto de afeto, “tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça” (RAMOS, 2012, p.10). A esposa e os filhos eram tratados por esse homem do sertão, castigado pela seca e pela miséria, com frieza e brutalidade, tais condições fazia com que de tempos em tempos a família tivesse que se deslocar para fugir da falta d’água que castigava a caatinga, tornando-os, assim, vítimas de uma condição social precária.

Os dois filhos eram denominados pelo autor de "filho mais novo" e "filho mais velho", crianças que sofriam pelas condições mínimas de sobrevivência que era ofertada pelos pais; caminhavam com dificuldades às margens do rio de "lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 2012, p. 10). Em determinado momento, ouve-se a narração de que o filho mais novo seguia carregado pela mãe; já o filho mais velho sofria na pele, a fome, a sede e o cansaço da viagem sem destino certo, imposta pela seca e condição social que eles eram obrigados a suportar: “miudinhos, perdidos no deserto queimado” (RAMOS, 2012, p. 14).

Já sinhá Vitória, umas das protagonistas de *Vidas Secas*, tem o nome abrigado no latim *Victoria* (aquela que vence), e, na ficção, a mulher que trava a luta pela sobrevivência de si e de sua família; e sinhá, pronome de tratamento, era

[...] usado normalmente para nomear mulheres casadas das classes menos abastadas do sertão nordestino [...] termo inicialmente empregado na sociedade escravagista para se referir a mulheres de classe dominante. Sendo assim através do nome sinhá vitória evoca ao mesmo tempo a condição social da personagem como também o poder exercido por ela naquele clã (COSTA; SACRAMENTO, 2011, p. 17).

No romance, a seca percorreu toda narrativa, porém de forma mais acentuada no início e no final da trama, como afirma Scoville: "a maior parte do enredo não se desenvolve necessariamente num período de seca [...], pois a seca está ali apenas no começo e no final do romance e, ao mesmo tempo, ao longo de toda a obra, como uma presença “fantasmagórica”, como memória e projeção de futuro. (SCOVILLE, 2011, p. 13). Na leitura do romance de Graciliano Ramos, já no título somos arremessados a uma seca, situação essa comum na região nordeste do Brasil. Esta região é também conhecida pela pobreza e miséria, causas sociais essas causadas principalmente pela estiagem que sempre ocorrem nessa região,

fazendo assim com que várias famílias tenham que se deslocar de suas moradas para outras regiões. A família do retirante Fabiano também sofreu de perto com essa situação, a família sofreu na pele essa miséria. Faltava comida, água, teto; faltava o mínimo de condições para a própria subsistência daquela família: eles caminhavam por horas, sentiam-se cansados e com fome. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra” (RAMOS, 2012, p. 09).

A seca é considerada um fenômeno natural e também social e se constitui ainda de outros problemas além da falta de água em uma determinada região. Situação essa que pode causar fome, sede, desemprego, diminuição drástica do poder aquisitivo de famílias atingidas. Na obra *Vidas Secas*, o autor descreve a pobreza e a sequeidão, tal situação constrói nessa família um sentimento duro como o cenário daquele sertão. A família não possuía muitos utensílios, tinham pouca coisa para transportar à beira do rio seco: “o baú de folha seca na cabeça [...] o aió¹ a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de perdeneira no ombro” (RAMOS, 2012, p. 09).

Diante de tanta miséria, porém, surge uma mulher frágil de corpo e forte de espírito, Sinhá Vitória, uma mãe cuidadosa com seus dois filhos, uma companheira para o marido. Na leitura do romance de Graciliano Ramos, já no título, somos arremessados a uma seca, situação essa comum na região nordeste do Brasil. Esta região é também conhecida pela pobreza e miséria, causadas principalmente pela estiagem que sempre ocorrem nessa região, fazendo assim com que várias famílias tenham que se deslocar de suas moradas para outras regiões.

2. A personagem sinhá Vitória

Ao adentrar a obra *Vidas Secas*, muitos aspectos chamaram-me atenção, principalmente a vida daquelas pessoas que não tinham casa, comida, o mínimo de conforto para o descanso. Segundo Ramos (2012, p. 09) “os infelizes já tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos”. Assim, ao mesmo tempo em que busquei compreender a situação de miséria social trazida pela narrativa, fui levada a viajar pelo “mundo seco”

¹ s.m. (Bras.) Bolsa de caça (MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 38).

daquela família. No entanto, não tem como, na minha concepção, deixar de registrar de forma mais abrangente a personagem Sinhá Vitória que vive a sua história e influencia de forma direta o enredo dos outros personagens, fazendo com que o leitor vivencie suas palavras e entenda os seus sonhos através da obra literária:

Assim, é essa coerência interna dentro do mundo imaginário que, paradoxalmente, faz de um personagem distinto de um ser real um ser verdadeiro, não importando em que mundo ele habita ou em que situação (absurda ou não), dentro do mundo físico (ou espiritual), ele esteja. Deste modo, cria-se uma espécie de pacto entre leitor e escritor. Ambos passam a “acreditar” naquela realidade criada, de modo que a apreciação da obra seja completa (OLIVEIRA, 2013, p. 65).

Essa vivência com a obra é que justifica o pacto relatado por Oliveira (2013) entre autor e leitor. Ao ler *Vidas Secas* fui compreendendo as características fortes de mulher do sertão, da mãe que, apesar do sofrimento, detinha o poder de auxiliar o marido nas decisões da família e de acalentar os filhos em meio a tanto penar: “Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos” (RAMOS, 2012, p. 12). Neste sentido, a matriarca da família tinha tudo para se entregar ao desânimo, pois nada ao seu redor dava-lhe esperanças de dias melhores, nem o rio seco, nem a terra rachada pela seca, nem as léguas e léguas de caminhada, como é descrito na obra:

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (RAMOS, 2012, p.14).

Porém, apesar da luta diária pela sobrevivência, Sinhá Vitória não deixava escapar de si o poder de sonhar. A vida de pobreza e miséria não era o que ela desejava a seus filhos, ela sabia da força que tinha e que poderia ajudar o marido a transformar aquela realidade, buscar novos horizontes, pois a seca era um ciclo. Sinhá Vitória tinha alguns conhecimentos e sabia de seus objetivos. A personagem tinha a capacidade de ver além, isso devido ao grande desejo que tinha de transformar o cotidiano da família, “a sua capacidade de sonhar, oportunizava-lhe adentrar ao universo do imaginável, além disso, tornava possível vislumbrar mecanismos para realização de seus desejos” (COSTA; SACRAMENTO, 2012, p. 18) e, através de seus sonhos, essa força se fazia bem maior, não era necessário dormir para sonhar, sua imaginação a levava para uma vida que ela desejava ao lado do marido e dos filhos.

Sinhá Vitória era uma mulher que tinha alguma instrução, "a atuação de liderança de sinhá Vitória se dá principalmente pela sua capacidade intelectual superior a dos outros componentes da família [...] tem um pensamento lógico e dom da palavra, superiores a sua própria capacidade" (CASSAMASSINO, 2010, p. 25), capaz de ajudar o marido a organizar os gastos da família e orientar na prestação de contas quanto aos seus serviços prestados ao senhor Tomaz: dono de uma bolandeira, máquina utilizada para descaroçar algodão que por vezes também tinha serventia nos engenhos de açúcar; Tomaz da bolandeira (como era conhecido), tinha um melhor poder aquisitivo, mas, assim como os outros, também precisou fugir, pois "com a seca, a bolandeira estava parada" (RAMOS, 2012, p. 15).

De modo geral, a situação não era boa para as famílias daquela região - principalmente para aqueles que não tinham quase nada; mas o senhor Tomaz da bolandeira tinha em posse dele um objeto sonhado por sinhá Vitória, a cama de couro e tiras: "Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos" (RAMOS, 2012, p. 45-46). O fato é que os que tinham uma melhor condição social possuíam camas de melhor qualidade. No romance *Vidas Secas* essa diferença social é visível, pois apenas o senhor Tomaz da Bolandeira possuía uma cama de couro e tiras feita pelo próprio carpinteiro. A matriarca colocava todas as suas expectativas de melhoria de vida naquele objeto: "venderia as galinhas e a marrã, deixaria de comprar querosene" (RAMOS, 2012, p. 46). Fabiano, inclusive, acreditava na inteligência da esposa, "é perceptível a força instigadora de Sinhá Vitória e sua ascendência sobre o esposo" (CASSAMASSINO 2010, p.11), mas não tinha força e argumentos diante do patrão. Era sinhá Vitória, de outro modo, a possuidora de conhecimento, uma "destinada" a direcionar a família, pois sem o seu auxílio ficaria difícil de imaginar a trajetória desses membros, incluindo também os animais, nem todo o sofrimento que lhe cercava tirava dela a vontade e a capacidade de ajudar os únicos que viviam a sua volta.

2.1 - O sonho de possuir uma cama de tiras e couro

Ao realizar por inúmeras vezes a leitura do romance *Vidas Secas*, ficou bem claro, para mim, o grande desejo da personagem Sinhá Vitória em possuir uma cama de couro e tiras. Sonho que lhe traz, contraditoriamente, inconformação e esperança diante da realidade vigente:

A principio não se incomodara. Bamba, moída de trabalhos, deitar-se-ia em pregos. Viera, porém, um começo de prosperidade. Comiam, engordavam [...] mas iam vivendo na graça de Deus, o patrão confiava neles – e eram quase felizes. Só faltava uma cama (RAMOS, 2012, p. 45).

Na narrativa é possível perceber que sinhá Vitória tem um pouco mais de ambição que seu marido Fabiano. Ela tenta deixar bem claro seus desejos de ter um conforto, mesmo que pequeno, comodidade essa que a cama de varas em que dormia não lhe proporcionava: “tinha que passar a vida inteira dormindo em varas? Bem no meio do catre havia um nó, um calombo grosso na madeira. E ela se encolhia num canto e o marido no outro, não podiam esticar-se no centro” (RAMOS, 2012, p. 45). Esse sonho de Sinhá Vitória há tempos vinha se arrastando, não era desejo de agora; sempre estava com o marido a fazer cálculos, pensando na possibilidade de um dia adquirir esse bem. No entanto, o que significava esse sonho para a personagem? Quase uma obsessão, talvez fosse apenas fruto da imaginação que se destinava como um refúgio: um modo de resguardar-se um pouco daquela miséria; através do sonho, ela criava uma expectativa de vida melhor para sua família.

A cama de couro e tiras, objeto do sonho de sinhá Vitória, fazia-se igual de seu Tomaz da bolandeira; cama que traria conforto para o casal na hora do descanso e que, no imaginário de sinhá Vitória, poderia mudar a vida de toda a família, chegando a ser uma obstinação - se contarmos que volta e meia o pensamento da personagem voltava-se para tal desejo. Sinhá Vitória, por vezes, ficava irritada com o descaso do marido em relação ao seu empenho para adquirir o móvel: “Sinhá Vitória [...] dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas” (RAMOS 2012, p. 40). O sonho de possuir a tal cama de couro e tiras circulava constantemente nos pensamentos da personagem, tudo que vivenciava com o marido e com os filhos, aquela pobreza, a falta de dinheiro, tudo era motivo para seu pensamento recair sobre a cama de couro e tiras, como vemos no seguinte trecho:

Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos, entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé de turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas (RAMOS, 2012, p. 40).

Mesmo um simples ato de debruçar-se sobre a janela e olhar os filhos brincarem na lama, trazia à sinhá Vitória o pensamento da cama, pois junto com esse sonho de possuir uma cama de couro e tiras vinham todos os seus desejos de oportunidades para os filhos, principalmente a escola. Infelizmente, o sonho da personagem em possuir uma cama de couro

e tiras não fazia parte dos sonhos e desejos do marido, nem dos filhos, embora eles também tivessem o anseio de melhorar de vida, mas não era na cama de couro e tiras que eles viam essa possibilidade. O comodismo de Fabiano ao deitar-se na rede e dormir é associado por sinhá Vitória ao mesmo comodismo que ele tem na vida. Foi assim que, na luta por conseguir realizar o seu sonho, a personagem, por vezes, travava alguns embates com o marido no que diz respeito ao pouco ou quase nada dos recursos que possuem para realização desse sonho. Fabiano, por vezes, até fazia cálculos, pensava em economizar, mas não parecia suficiente; por outras vezes, tinha a intenção de realizar o sonho da esposa em possuir uma cama de couro e tiras, talvez pelo fato de ela ser uma mãe cuidadosa, uma boa dona de casa e uma esposa dedicada a resolver os problemas do marido com relação às contas com o patrão, como observamos no seguinte trecho:

E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. [...] daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições (RAMOS 2012, p. 94).

Todo esforço da esposa em ajudar o marido em suas contas e nas despesas da casa fazia com que Fabiano tivesse um pequeno desejo em realizar o sonho da esposa, ele sabia que a esposa merecia dormir em uma cama de couro e tiras para um melhor descanso do dia. "As palavras de sinhá vitória encantavam-no" (RAMOS, 2012, p.127), ele confiava na capacidade dela em ajudá-lo, mas acabava perdendo o pouco que tinha em mesa de jogo, fato este que irritava muito a esposa, pois Fabiano sempre perdia alguns trocados que lhe sobravam do trabalho, no jogo e com cachaça. Nunca tinha sucesso nessas aventuras.

A situação financeira da família, assim, era muito precária: a própria sinhá Vitória, em certa ocasião, "respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas [...] para bem dizer, não se ascendiam candeeiros na casa" (RAMOS 2012, p.41). Desta maneira, se por um lado a matriarca desejava a cama de couro e tiras como seu maior sonho, por outro compreendia que possuir uma cama de couro e tiras não era um desejo tão imprescindível se comparado às necessidades de subsistência da família.

Durante a leitura do romance de Graciliano Ramos, por inúmeras vezes, a personagem de Sinhá Vitória relata esse sonho de possuir a cama de couro e tiras como um desejo incessante que chega até o leitor como um símbolo de algo que se converte "em ideia, e a ideia é uma imagem, de tal maneira que a ideia permaneça na imagem de forma sempre ativa"

(PARISOTE, 2016, p.37) através da cama que se fixa no pensamento do leitor como uma ideia real de um sonho, imagem ativa da personagem.

Em visita a algumas famílias na comunidade de Outeiro, em Redenção-CE, pude constatar o quanto é significativa a cama na vida dessas pessoas: ao adentrar a residência de um casal idoso, logo constatei a importância da cama para esta família. No quarto pude ver uma cama grande de madeira no centro do quarto, com dois colchões, dois travesseiros, uma colcha bem florida. Conversando sobre a cama, fui informada de que o objeto tão desejado só veio depois de uma aposentadoria - que melhorou o poder aquisitivo da família, fazendo-a adquirir a cama; a aposentadoria não é uma riqueza, mas uma melhor condição de vida após anos e anos de trabalho, e a cama parece ser um dos objetos de desejo de difícil alcance para muitos nordestinos: fazendo-a, ainda, um símbolo importantíssimo na vida dessas pessoas. Importante ressaltar que a cama daquele casal de idosos é algo de tão grande valor, que a mesma fica localizada no centro do quarto: onde ninguém pode deitar ou mesmo sentar-se: a não ser o casal.

Outra pesquisa advinda da leitura do romance *Vidas Secas* deu-se na localidade de Guassi, distrito de Redenção-CE. Descobri que por volta de 1940 chega à localidade de Guassi o coronel Aprígio Medeiros, senhor de posses, porém, como tantos outros, também fugitivo da seca, vindo da cidade de Quixadá - localizada no sertão do Ceará. Em conversa com a neta do senhor Aprígio, ouvi o relato que o seu avô fabricava camas nas quais eram feitas de couro e tiras. Assim ela descreve o tipo de móvel construído por seu avô: a cabeceira da cama era enorme, muito grande, a cama era alta, tinha uma tonalidade de marrom bem escuro; a cama fabricada pelo senhor Aprígio tinha apenas a cabeceira feita de couro de boi e o colchão era de saco de açúcar preenchido com folhas de samambaia. A grade da cama era feita de madeira e entrelaçada com tiras feitas da fibra do tucum², e as tiras eram pregadas na madeira com rebite. Na década de 1930, o senhor Aprígio produzia a cama na cidade de Quixadá e a transportava de trem até a cidade de Baturité: de lá prosseguindo até Redenção. A última cama de couro de boi e tiras de fibra de tucum fabricada por esse senhor foi feita para sua esposa, dona Irene. O senhor Aprígio morreu na década de 1970 com 102 anos de idade. Desde então, sua neta não sabe o que foi feito dos pertences de seu avô: muito menos onde poderia estar a cama de couro de boi.

² *S.m.* (Bras. – Bot.) planta palmácea, também chamada ticum (MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010, p. 1105).

Por fim, em visita à casa da neta do senhor Aprígio, pude conhecer a casa em que morava o avô, a casa que há anos fora mobiliada com uma cama de couro e tiras: que hoje ela lembra ainda com detalhes e que apresento na imagem, abaixo:



Segundo Parisote (2016, p. 36): "a cama não indica apenas um local de repouso, mas simboliza o corpo. [...] A ausência da cama parece também atuar como divisor que separa o horror da civilização. [...] A cama é de certo modo, a conquista de um pequeno espaço". A cama torna-se tanto para a personagem Sinhá Vitoria como para muitos nordestinos do início do século que sofreram com a seca e com as desigualdades sociais, um símbolo de conquista e superação. Hoje a importância da cama também se dá para aqueles que passaram anos trabalhando e somente nos dias de hoje conseguiram adquirir esse bem - seja com uma aposentadoria, como já foi relatado, ou devido a um possível melhor poder aquisitivo por parte de outras gerações da família.

É essa cama de descanso e de melhor condição que Sinhá Vitória, como representante da figura do nordestino, idealiza, como diz (CHEVALIER, 1986, P. 316) "objeto de todos los cuidados y de una espécie de veneración", era assim que eles viam esse objeto sonhado, essa representação simbólica da cama como ascensão social passa a ser visivelmente reconhecida pelo leitor ao decorrer de toda a obra.

Considerações finais

O que podemos notar ao longo de toda discussão é que sinhá Vitória teve um papel importante na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. No início da narrativa parecia ser

apenas uma mulher sertaneja sofrida que tinha à frente a missão de acolher os filhos e o marido em uma jornada com destino incerto. Embora por alguns momentos tivesse características frágeis, por outros demonstrava força em situações extremas vividas com a família:

[...] sinha Vitória é uma personagem que possui uma dualidade. Tem seus momentos de fragilidade, como pode ser visto em alguns momentos no capítulo da morte de Baleia, por exemplo, mas também precisa se mostrar forte perante os filhos. Ainda que não consiga ser tão forte na referida situação quanto o marido Fabiano, que precisa ter ainda mais força para executar o animal querido. Em diversos momentos, porém, é sinhá Vitória quem se mostra como o alicerce da família, sendo mais inteligente para traçar planos para o futuro, ainda que esses planos sejam, não por sua culpa, frustrados ao final. Desse modo, a Sinhá Vitória de Graciliano Ramos, é, ao mesmo tempo, frágil e forte; inteligente e desencantada; revoltada e triste com a vida que leva. É por isso que a consideramos a personagem mais rica de *Vidas secas* (OLIVEIRA, 2013, p. 75).

Diante de toda trajetória de sinhá Vitória, a vida dessa personagem dentro do romance *Vidas Secas* foi cercada de imaginações e sonhos, especialmente, pela cama de couro e tiras. Era através desse sonho que a personagem enxergava um futuro melhor para sua família. O sonho fazia dessa nordestina retirante uma mulher capaz de sobreviver em meio a tantos desalentos e fortalecer a família no sentido real e imaginário. Após o estudo da obra de Graciliano Ramos, no meu entendimento a cama simbolizava para a personagem Sinhá Vitória, além do desejo de possuir um objeto que tinha representatividade naquela época para alguns nordestinos, entende-se que para ela quem tinha a cama de couro e tiras, tinha uma melhor condição de vida e era essa condição que ela almejava. Pela sua simplicidade ela não mostrava que queria ser rica, apenas queria uma vida diferente para seus filhos, e conseguindo a cama poderia ser um sinal de que o sonho de mudar a vida principalmente dos filhos estaria próximo.

Referências Bibliográficas

- CASSAMASSIMO, M. E. **Sinhá Vitória: olhares e dizeres**. São Paulo: PUC, 2010 (Dissertação em Literatura e Crítica Literária).
- COSTA, Maria Margarete Souza Campos; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **Sinha Vitória e os desafios de uma mulher nordestina**. Revista Língua e Literatura, v.14, n.22, p.68-87, Ago. 2012.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los simbolos**. Editorial Herder: Barcelona, 1986.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário da Língua Portuguesa** 2. Ed. São Paulo: FTD, 2010.

OLIVEIRA, A.M. **A construção da personagem sinhá Vitória na tradução de *Vidas secas* para as telas**. Fortaleza: UFC, 2013 (Dissertação de Mestrado em Letras).

PARISOTE, Amanda Dal'zotto. **Entre autoras, diário e memórias: a linguagem da barbariê em *O que os cegos estão sonhando?*** Revista do Instituto Cultural Judaico, v.8, n. 1, p. 29-41, jan - jun. 2016.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopez. **Literatura das secas: ficção e história**. Curitiba: UFPR, 2011 (Tese de doutorado em Letras).